

O PANTANAL MATO-GROSSENSE: ESPAÇO VIVIDO, PAISAGEM E MEMÓRIA EM MANOEL DE BARROS

THE PANTANAL OF MATO-GROSSO: LIVING SPACE, LANDSCAPE AND MEMORY IN MANOEL DE BARROS

Marcos Clair Bovo¹Monica Luiza Socio Fernandes²Haline Nogueira da Silva Domingues³Bruno Flavio Lontra Fagundes⁴

RESUMO

Este estudo visa apresentar o Pantanal mato-grossense delimitado na poesia de Manoel de Barros, no que tange ao espaço vivido, paisagem e memória. Isto é possível devido à integração das perspectivas da Geografia Cultural e Humanística que, após as devidas reformulações em seu referencial teórico e metodológico, passam a conceber e compreender o homem e suas ações num dado espaço, considerando, inclusive sua subjetividade neste local. A pesquisa é de natureza quali-interpretativa, de caráter bibliográfico e objetiva demonstrar a aproximação de áreas distintas do saber, porém complementares, por meio da abordagem interdisciplinar. Parcialmente, pode-se dizer que o resultado dessa investigação contribui para a compreensão de fenômenos e aspectos naturais, inerentes à Geografia atrelados ao contexto literário de textos poéticos, suscitando reflexões e desdobramentos, na construção de significados e apreensão de sentidos, emanados da arte literária.

¹Doutorado em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil(2009) Coordenador do PPGSed. da Universidade Estadual do Paraná, Brasil.

²Doutorado em Letras (Teoria Literária e Literatura Comparada) pela Universidade de São Paulo, Brasil(2007) Professor Titular da Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão, Brasil.

³Mestrado em INTERDISCIPLINAR EM SOCIEDADE E DESENVOLVIMENTO pela UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ, CAMPUS DE CAMPO MOURÃO, Brasil(2018).

⁴Doutorado em História pela Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil(2010) Coordenador do PROFHISTORIA da Universidade Estadual do Paraná (Campus de Campo Mourão), Brasil.

Palavras-chave: Poesia, Geografia Cultural e Humanística, interdisciplinaridade.

ABSTRACT

This study aims to present the Pantanal of Mato-Grosso delineated in the poetry of Manoel de Barros, in what concerns the lived space, landscape and memory. This is possible due to the integration of the perspectives of Cultural and Humanistic Geography that, after due reformulations in their theoretical and methodological referential, begin to conceive and understand man and his actions in a given space, considering, including his subjectivity in this place. The research is qualitative and interpretative in nature, with a bibliographic and objective character to demonstrate the approximation of distinct areas of knowledge, but complementary, through the interdisciplinary approach. Partially, it can be said that the result of this research contributes to the understanding of phenomena and natural aspects inherent to Geography, linked to the literary context of poetic texts, provoking reflections and unfolding, in the construction of meanings and apprehension of meanings emanated from literary art.

Keywords: Poetry; Cultural and Humanistic Geography; Interdisciplinarity.

INTRODUÇÃO

Este artigo pretende evidenciar as possibilidades aproximativas entre aspectos inerentes à Geografia e a poesia de Manoel de Barros, poeta sul mato-grossense, que se insere no grupo de escritores da geração dos modernistas de 1945, conhecido como o poeta da renovação verbal e pelo uso inusitado da linguagem que substancia seus desparamentos¹ poéticos. Visa também enunciar

¹Referência aos usos de neologismos e criações verbais realizados pelo poeta ao longo de sua obra. Outros exemplos: desver, desnome, desexplicar, inaugramento, coisal, lavral, pedral, etc. (BARROS, in O guardador de águas, 1989).

e explanar os preceitos das correntes Cultural e Humanística da Geografia tomando por base de análise dois poemas do referido autor, embebidos por simbologias, imagens, espaço, paisagem e memória, constituindo assim um Pantanal reinventado e sugerido literariamente e geograficamente.

O viés Geográfico enriquece nosso estudo ao contemplar as perspectivas da Geografia Cultural e Humanística na tessitura de um ambiente natural e singular, marcado pela eloquência poética ímpar de Barros, atrelando Literatura aos aspectos geográficos que perfazem a escrita desse poeta.

Por isso, essa complementaridade de sentidos entre Literatura e Geografia é justificável uma vez que nos últimos anos, devido à busca de novas formas de compreensão da realidade, “o impulso e o empenho crescente em atender e replicar às questões atuais presentes nas ciências humanas e sociais, fortaleceu a aproximação entre a Literatura e a Geografia” (ALMEIDA; OLANDA, 2008, p. 8). Para os geógrafos, a abordagem Cultural e Humanística da Geografia que propõe a cultura como uma das vias para compreender as relações humanas entre seus pares e com o meio e a sua influência na organização espacial, surge como um fator que agrega conhecimento e possibilita a ampliação do olhar para o objetivo e também para o subjetivo.

Para tanto, neste artigo nos basearemos nos estudos propostos e desenvolvidos por autores e pesquisadores enveredados em discutir as perspectivas da Geografia Cultural e Humanística como: Corrêa e Rosendahl (2001, 2007), Santos (2012), Almeida e Olanda (2008), Tissier (1991), Lima (2000), Tuan (1983), Holzer (1994), dentre outros, bem como em autores que discutem as funções e importância da Literatura, como Antonio Candido (1995, 2000), Paz (1982), Teles (1989) e Coutinho (1995), sendo necessário o delineamento de ambas as linhas teóricas para uma aproximação e um diálogo entre Literatura e Geografia.

Neste sentido, o artigo está subdividido em dois itens que se complementam nas discussões, aproximando a Literatura da Geografia e trazendo posicionamentos críticos de autores das duas áreas do conhecimento, acerca das noções de elementos pertinentes a estas, ilustrados nos poemas de Manoel de Barros.

Assim, no primeiro item do artigo intitulado “As relações aproximativas entre espaço, paisagem e memória na poesia manoelense”, o objetivo é trazer uma referência aos aspectos imanentes da Geografia como espaço, paisagem, lugar e memória,

explicando como tais elementos podem ser amplamente explorados e ressignificados em uma obra literária, a partir das perspectivas de estudo da Geografia Cultural e Humanística que depreendem das relações humanas o seu espaço de vivência e convivência.

No segundo item, que traz como título “O bioma dos contrastes naturais: o Pantanal revisitado nas palavras de Manoel de Barros”, apresentamos a planície alagável conhecida como Pantanal, por meio de fragmentos escritos pelo próprio poeta, em entrevistas concedidas em determinados momentos de sua vida e também por meio de poemas que ilustram o trabalho artesanal de Barros com a linguagem, desviando-se assim de denominações e taxações que o possam classificar como mero poeta ecológico ou da natureza.

AS RELAÇÕES APROXIMATIVAS ENTRE ESPAÇO, PAISAGEM E MEMÓRIA NA POESIA MANOELENSE

Este artigo é um recorte das discussões empenhadas no texto da dissertação escrita para o Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Sociedade e Desenvolvimento, da UNESPAR de Campo Mourão – PR. Por isso, nosso material de pesquisa foi a poesia de Manoel de Barros atrelada às leituras, estudos e reflexões sobre conceitos imanentes à Geografia Cultural e Humanística no que tange à busca pelos interstícios interdisciplinares entre Literatura e demais áreas do saber.

A busca por alternativas capazes de compreenderem o homem em seu espaço nos parece que deixou de ser uma preocupação de apenas uma ciência. Todavia, a Geografia atual procura novas alternativas de apreensão do espaço geográfico, a partir das abordagens Humanística e Cultural, que se lançam com novas perspectivas nos estudos socioespaciais, conferindo valor ao homem e ao espaço vivido por ele.

A compreensão da realidade a partir da influência da cultura na produção do espaço, assim como a significação da espacialidade vivida possibilita a intermediação na compreensão da relação do homem com o lugar por ele produzido, valorado e subjetivado. Para Tuan (1983), a Geografia estuda o espaço a partir da ótica do lugar que por sua vez é apreendido e enviesado por duas perspectivas: a do lugar como localização e a do lugar como um artefato único. Sobre isso Tuan pronuncia:

O lugar é uma unidade entre outras unidades ligadas pela rede de cir-

culação; [...] o lugar, no entanto, tem mais substância do que nos sugere a palavra localização: ele é uma entidade única, um conjunto especial, que tem história e significado. O lugar encarna as experiências e aspirações das pessoas (TUAN, 1983, p. 387).

Ou seja, o espaço, enquanto localização e lugar de fixação do homem e sua relação com a terra, passa também a denominar um lugar de experiências e subjetivações conferidos pelas pessoas que vivenciam e lhes atribui significado. Com isso queremos esclarecer que as fronteiras entre ambas as definições ou mesmo denominações são irrelevantes em movimentos de delimitações estigmatizadas. A construção substancial de um lugar se dá na vivência e na relação objetiva ou subjetiva com um dado espaço que existe em essência (realidade), mas também em pensamento simbólico e subjetivo.

Segundo Milton Santos, em sua obra *Espaço e Método* (2012, p. 12), “o espaço é uma instância da sociedade”, isto é, a essência do espaço é social, não podendo ser apenas formado pelas coisas, os objetos geográficos, naturais e artificiais. A sociedade e sua ação subjetiva é que afere vida e sentido ao espaço, sendo o homem, um de seus elementos. Reconhecido assim, percebemos que o espaço abrange o homem e suas relações com esse meio social, por isso a importância justificada pelos estudos desenvolvidos sobre as complementariedades entre Literatura e Geografia, áreas do conhecimento capazes de atribuírem sentidos vários, possibilitando a ampliação do olhar do pesquisador para elementos concretos, objetivos e subjetivos.

Ainda referenciando Santos (2012), o espaço constitui uma realidade objetiva, um produto social em permanente processo de transformação. A sociedade só pode ser definida através do espaço, já que este é o resultado da produção, uma decorrência de sua história, surgindo daí o que denominamos de paisagem.

A paisagem, neste sentido, seria o resultado cumulativo desse tempo na história, de fatos do passado e do presente. O conceito de paisagem, segundo Corrêa e Rosendahl (2001), é um dos mais antigos da Geografia, sendo esta considerada, em tempos remotos, como a ciência das paisagens. No início do século XX, a paisagem foi um dos primeiros temas a ser abordado numa perspectiva Cultural. Segundo Holzer (1994), diversos estudiosos propuseram definições para paisagem como Sauer (1983), para o qual o uso indistinto e inadequado dos termos paisagem e lugar

distorce o real conceito e atribuição, e também Meinig (1979), que procurou por meio de seu estudo exclusivo diferenciar paisagem, de natureza, de cenário, de ambiente, de região ou de área e de lugar. Para Meinig, os termos elencados acima estão relacionados, mas abarcam universos de compreensão diferentes:

Assim, a paisagem se diferencia da natureza pelo seu caráter de unidade que imprime a nossos sentidos, afastando-se da lógica científica do binário homem-natureza; se diferencia do cenário porque não temos com ela uma relação apenas estética; se diferencia de ambiente porque não trata de nossa sustentabilidade enquanto criaturas, mas sim de nossas manifestações enquanto culturas; se diferencia de região ou área porque seu sentido é simbólico, de acúmulo das expressões e ações sociais; e, finalmente, se diferenciaria dos lugares, por seu caráter mais externo e objetivo, menos pessoal e individual, sendo que os lugares são usualmente nomeados, enquanto que as paisagens se caracterizam por ser uma superfície contínua, mais do que um foco ou uma área definida (MEINIG in HOLZER, 1994, p. 55).

Este estudo desenvolvido por Meinig e trazido em sua tese por Holzer seria, de certa forma, corroborado por Tuan quando classificou a paisagem como a ordenação da realidade em dois ângulos: pela visão vertical (objetiva) e pela visão lateral (subjativa). Para Tuan:

a visão vertical encara a paisagem como um domínio, uma unidade de trabalho, ou sistema natural, necessário para a vida orgânica em geral; a visão lateral encara a paisagem como um espaço onde as pessoas agem, ou um cenário para as pessoas contemplarem (TUAN, 1983, p. 90).

Sobre estas duas concepções para paisagem já havíamos elucidado acima e, de fato, a construção de sentido estabelecida pela visão lateral salienta características do espaço que para além de sua função e atribuição objetiva, constitui num panorama vivencial as experiências de lugar, paisagem e espaço particular. No entanto, até a década de 1940, essa abordagem privilegiou a análise morfológica da paisagem, considerando apenas aspectos materiais e quantitativos da cultura. Somente a partir de 1970, no âmbito da Geografia Humanística, de acordo com Corrêa (2001), que os geógrafos voltaram a tomar a paisagem como um conceito valorativo da Geografia, considerando então, os aspectos subjetivos da paisagem, isto é, a análise de seu significado e sua influência na

forma de conceber o real.

A partir dos anos 80, a paisagem simbólica passou a ser inserida nos estudos da nova Geografia Cultural. Esta linha de pesquisa propõe a integração do materialismo dialético e os aspectos subjetivos na apreensão da paisagem. Outra contribuição, segundo Corrêa e Rosendahl (2001), nesta corrente de pensamento é a viabilidade de interpretar a paisagem como um texto, no qual podem ser lidos os processos sociais e culturais, nela inseridos.

No decorrer dos anos 80, após o redimensionamento da abordagem Cultural da Geografia, os geógrafos adotaram como objeto de estudo a paisagem, a região, o território e o espaço, considerados em seus aspectos simbólicos e subjetivos perpassados pela memória, oriunda das experiências intersubjetivas dos sujeitos, que vivenciaram em um dado espaço, tempo e lugar situações que remontam a ambientes sensitivamente demarcados.

Considerando esses avanços na percepção do espaço, paisagem e lugar, os adeptos da corrente Humanística da Geografia, passaram a evidenciar em suas análises estes elementos geográficos destacando referências nas humanidades, adotando como base filosofias do significado, fundada nas explicações e valores humanos.

No enfoque da Geografia Humanística, todo ambiente que envolve o homem, seja físico, social ou imaginário, influencia sua conduta. A realidade é interpretada e os fenômenos são observados como parte de um fenômeno maior, integral, sendo a paisagem percebida pelo indivíduo não como uma soma de objetos próximos um ao outro, mas de forma simultânea. Nesse sentido, a paisagem é apreendida de forma holística (CORRÊA; ROSENDAHL, 2001, p. 33).

Em meados de 1989, muitos estudiosos da Geografia reconheciam que muitos de seus colegas de pesquisa ainda baniam os sentimentos e as paixões das análises e percepções sobre os elementos geográficos. Para Corrêa e Rosendahl (2001), esta exclusão da subjetividade exclui muitos significados das paisagens humanas, reduzindo-as a impressões pessoais de forças demográficas e econômicas, inviabilizando a abordagem interdisciplinar da cultura e da produção cultural, onde a paisagem não é apenas um sistema significativo, mas um texto que oferece múltiplas leituras.

A paisagem está inserida num processo holístico de captura e representação. Enquanto captura, a paisagem só existe a partir do indivíduo que a organiza, combina e promove arranjos do con-

teúdo e forma dos elementos, dispostos como em um mosaico de imagens. Já enquanto representação, na perspectiva de Corrêa e Rosendahl, “a paisagem resulta da apreensão do olhar do indivíduo, que por vezes é condicionado por filtros fisiológicos, psicológicos, socioculturais e econômicos” (CORRÊA; ROSENDAHL, 2001, p. 56). Neste sentido, podemos inferir que a concepção de uma paisagem está intimamente ligada à capacidade de convencimento e sensibilização cultural e evocativa de elementos imagéticos e simbólicos. A seguir, podemos visualizar como tal sensibilização é produzida pelo escritor que elabora sua representação de um dado espaço e lugar recriado no imaginário do leitor, cenário este reinventado no poema “Mundo Renovado”:

Mundo Renovado

No Pantanal ninguém pode passar régua. Sobremuito quando chove. A régua é existidura de limite. E o Pantanal não tem limites.

Nos pátios amanhecidos de chuva, sobre excrementos meio derretidos, a surpresa dos cogumelos! Na beira dos ranchos, nos canteiros da horta, no meio das árvores do pomar, seus branquíssimos corpos sem raízes se multiplicam.

O mundo foi renovado, durante a noite, com as chuvas. Sai garoto pelo piquete com olho de descobrir. Choveu tanto que há ruas de água. Sem placas sem nome sem esquinas.

Incrível a alegria do capim. E a bagunça dos periquitos! Há um referver de insetos por baixo da casca úmida das mangueiras.

Alegria é de manhã ter chovido de noite! As chuvas encharcaram tudo. Os baguaris e os caramujos tortos. As chuvas encharcaram os cerrados até os pentelhos. Lagartos espaceiam com olhos de paina. Borboletas desovadas melam. Biguás engolem bagres perplexos. Espinheiros emaranhados guardam por baixo filhotes de pato. Os bulbos das lixeiras estão ensanguentados. E os ventos se vão apodrecer! (...)

(BARROS, 2010, p. 206-7).

O poema “Mundo Renovado” é uma fotografia do Pantanal que manifesta e acentua as particularidades desta natureza exótica, comunicante e viva. Neste poema, o bioma é revelado pelos seres que lhe habitam e vivificam. Aqui está o Pantanal que, no dizer do poeta, não tem limites. Nos insetos e nos cogumelos, nos aguapés e nos rios, no colorido dos pássaros e nos jacarés ao sol, no ovo da ema e no namoro de um casal de tuiuiús, nas porteiras das fazendas e nas pontes que o homem construiu, um mundo de pequenezas e

grandezas, uma imensidão de beleza. Veremos assim, neste poema, a íntima relação entre os elementos terra e água² em uma profusão simbiótica, vertical e lateral, como vimos em Tuan.

No primeiro parágrafo notamos a voz do eu-lírico ganhar expressividades ao convidar o leitor para descobrir o seu mundo particular, íntimo e sem limites: “No pantanal ninguém pode passar régua. Sobremuito quando chove. A régua é existidura de limite. E o Pantanal não tem limites”, ou seja, esse Pantanal rememorado não possui limites, não pode ser submetido à métodos de mensuração, pois a água das chuvas e a própria natureza são as causadoras desta falta de limite.

No segundo parágrafo aparecem duas marcações por locuções que dão vida aos substantivos inanimados: “pátios amanhcidos de chuva e a surpresa dos cogumelos”. Os pátios ganham vida, são amanhcidos ou acordados pelas chuvas. Os cogumelos, corpos sem raízes, aqui também estão metamorfoseados, e a eles são dadas características humanas (ficar surpreso). O poeta se vale de um recurso de priorizar os substantivos e não os verbos, acentuando ainda mais sua preferência por um discurso erigido a partir do processo da escrita sobre as coisas do chão, permitindo novas disposições a ações para tais substantivos. A linguagem empregada neste poema expressa o desejo do poeta em explorar novas maneiras de ser, de dizer e de viver o Pantanal objetiva e subjetivamente.

Tal opção estilística revela que o importante em poesia não é o sentido literal e concreto de uma ação, mas sim a opção de criar novos sentidos para esses vocábulos. Para Rolon, “os substantivos sustentam as frases e, ao ganharem destaque, preservam o verso de cair numa torrente banal de fatos a serem simplesmente descritos ou narrados” (ROLON, 2006, p. 45). O que está em cena é a criação verbal, são as memórias e imagens de um Pantanal incapaz de ser traduzido, mas sim sugerido.

Nas construções “Na beira dos ranchos, nos canteiros da horta, no meio das árvores do pomar, seus branquíssimos corpos sem raízes se multiplicam”, há um imbricamento de elementos. A terra e a água, mais uma vez, compõem o cenário pantaneiro, em uma espécie de simbiose natural, facilitada pelo emprego de imagens, as quais coadunam em sentidos que constroem uma poética da reinvenção.

²Referência aos estudos dos quatro elementos cósmicos empreendidos por Gaston Bachelard (1990, 1991).

O terceiro parágrafo é iniciado com uma exaltação do estado desse Pantanal pós chuva, expressa por meio de uma hipérbole metafórica: “o mundo foi renovado, durante a noite, com as chuvas”. Percebemos que esse mundo renovado é um mundo particular, um mundo do poeta, um mundo que pretende se mostrar para o leitor, tal qual para “o menino que sai pelo piquete com olho de descobrir”. A importância do olhar como percepção, descoberta do mundo evidencia que a renovação não está somente no mundo enquanto espaço físico e geográfico, mas no olhar. Nesse sentido, a rememoração à infância, bastante comum na obra de Manoel de Barros, é realizada pela curiosidade do olhar do menino. Esse olhar para um mundo renovado está impregnado pela experimentação e inovação, aguçado pelas novidades que essa renovação trouxe ao espaço que agora é fonte de imagem, simbologias e significações.

Chevalier e Gheerbrant, (2001, p. 654) afirmam que o olho é importante órgão de percepção, é “símbolo de conhecimento, de percepção sobrenatural. É um rito de abertura ao conhecimento”. O olho é água, reflete o mundo como se fosse um espelho. A construção poética no excerto: “garoto com olho de descobrir”, nos convida a ver pelos olhos de uma criança esse mundo existencial dentro de nossa imaginação e também fora dela. São nas coisas ínfimas, segundo o próprio poeta, que as minúcias dessa vida pantaneira se renovam.

Essa renovação causada pelas chuvas torrenciais do Pantanal é fatídica, mas também reinventada. A chuva, no poema, hiperboliza o concreto. “Choveu tanto que há ruas de água. Sem placas sem nomes sem esquinas”. O encobrimento ou desaparecimento das placas, dos nomes e das esquinas conotam a liberação dos limites do Pantanal que em época de chuva, de fato, renova-se, transfigura-se e liberta para o mundo. É transformado em um ambiente que abriga animais e seres variados e migratórios. Peixes acostumados com o barro lamacento, por exemplo, procuram um novo lar nas cheias dos rios, deslocam-se para outras fontes, atuam e desenvolvem-se distintamente nos extremos dessa natureza paradoxal. As ruas e os campos tornam-se grandes lagos. O trajeto que na seca é feito com carros, caminhões e cavalos; na época da chuva é substituído pelos barcos e canoas. Há uma transformação da rotina humana e da vida natural.

Quando diz “Incrível a alegria do capim. E a bagunça dos periquitos! Há um refofoar de insetos por baixo da casca úmida das mangueiras”, o eu-lírico nos oferece uma imagem de como tudo

ficou após as chuvas, quando a água começa a baixar, mostrando os seres que se esconderam. Ao capim e ao periquito são atribuídas ações puramente humanas. Novamente, nestes versos temos a comunhão dos elementos cósmicos, numa efusão de significações.

No quinto parágrafo é feita uma apresentação de como ficam os animais, os seres, em geral, após uma noite de chuva: "Alegria é de manhã ter chovido de noite!". De certa maneira, podemos depreender que devido aos extremos naturais do clima da região do Pantanal, a seca assola os moradores. E quando a chuva vem, mesmo que torrencialmente, a alegria está expressa na própria natureza. As imagens ofertadas pelo poeta desencadeiam em nossa mente, a busca em nossas reminiscências, pelos momentos, quando crianças, ansiosos pelo sol, explorados em uma manhã úmida e com cheiro de terra e mato molhados. Por meio desses experimentos há um poder emancipatório de manifestar o que nossa imaginação alcança. A partir dessa nova ordem estabelece-se um elo entre linguagem e imagem natural.

Adaptando uma variação do dizer popular 'Sem eira e nem beira', o sexto parágrafo traz: "até as pessoas sem eira nem vaca se alegram". A variação se dá na substituição do termo beira por vaca. O emprego dos seres da natureza (cobra, formigas, pássaros) reforça o aspecto vegetal, terrestre, aquático desse lugar, desse espaço pantaneiro. Aqui a paisagem é construída a partir do olhar de descobrir, como vimos anteriormente, assim como de fato é, pois para a Geografia Humanística a paisagem é fruto do olhar que apreende e percebe uma dada projeção do real, do espaço físico e natural e é construída também, a partir de imagens que são postas para o leitor produzir sentidos e sublimar elementos.

No penúltimo parágrafo: "o ninho de tuiuiú, ensopado. Aquele ninho fotogênico cheio de filhotes com frio!", chama a atenção para o tuiuiú, ave símbolo do Pantanal, que constrói seus ninhos no alto das árvores, formando os ninhais, os quais são uma fotografia oferecida pela mãe natureza, por isso o uso a opção pelo vocábulo "fotogênico" simbolizando a procura de um instante que só importa para os que procuram registrar as imagens memoráveis e o silêncio.

A fotografia desse ninho convida o leitor a enxergar a beleza no caos, no frio. É com olhos de encantamento e sensibilidade que se constrói a fotografia desse ninho repleto de filhotes encharcados, aguardando pelo sol que secará a plumagem. Novamente, a sintonia entre os elementos constitui a poeticidade do fragmento.

A percepção do poeta insiste em apontar para essa imagem do ninho de tuiuiús em seus versos. Seu olhar, como uma lente, capta o silêncio branco, o vazio que preenche aqueles ninhos e derramam cor na poesia. Temos com esse detalhe a singeleza da poesia de Manoel de Barros, enfatizando a busca por situações que criam espaços entre o ver e o sentir.

No último parágrafo há uma harmonização entre os reinos animal e vegetal: “A pelagem do gado está limpa. A Alma do fazendeiro está limpa. O roceiro está alegre na roça, porque sua planta está salva”, isto é, a chuva, lavou a pelagem dos animais, lavou a alma do fazendeiro, lavou o chão, a plantação, deu de beber às plantas. Todo o processo de renovação se deu por meio da água. Este “Mundo Renovado”, abstração poética do olhar sensível, é o bioma lavado pelas águas, renovado pela ação da mãe natureza. E nos últimos versos: “E a primavera imatura das araras sobrevoa nossas cabeças com sua voz rachada de verde”, a cor das penas das araras, o verde, é substancializada pela voz das araras, evocando também a antecipação da estação do ano, na qual a precipitação das chuvas é menor. O destaque para o verde também sugere a renovação do olhar. A sinestesia ocasionada por esta cor nos favorece a imagem da renovação, do renascimento, da esperança.

Contudo, salientamos que o poema em análise denota a maestria na construção de imagens insólitas na lírica de Manoel de Barros, composta por grandezas ínfimas, que não dizem, mas desdizem. Para sentir-se impregnado por esse mundo poético e renovado é necessário estar desarmado de regras, julgamentos e verdades e devanear com o poeta. “A imagem e o devaneio se formam aquém da verdade do juízo de verdade”, entende Bosi (2000, p. 28), por isso o leitor deve sentir-se à vontade e entregar-se aos deleites de uma poesia que consegue materializar a imagem construída num mundo infantil, onde os sentidos ainda estão por se fazer.

Esse poema de Manoel de Barros configura-se para nós leitores, como um álbum fotográfico que não pretende demonstrar a natureza, mas sim sugestioná-la. Cada cena descrita é um mostroário daquilo que se depreendeu da observação daquele Pantanal pós-chuva, mas que é expresso pelos olhos da transfiguração estética do espaço pantaneiro. Como percebemos a partir deste poema, o Pantanal é um sujeito com voz e com visibilidade literária nos textos de Manoel de Barros, e não apenas um objeto da paisagem. O que o poeta faz é tornar o espaço e a paisagem

pantaneira familiar, mergulhando-o num mar de palavras, por meio de suas memórias que o conduz a uma produção artística com a linguagem, oportunizando assim, a criação de um espaço reinventado e singular.

De fato, na perspectiva geográfica, a paisagem pintada pelo poeta corresponde ao organismo vivo desse bioma, constituído por sua fauna e flora exuberantes. Quando se conhece o Pantanal vertical, de planície alagadiça, é fácil identificar o cenário construído literariamente por Manoel de Barros; e quando não se conhece esse Pantanal objetivo, é encantadora a viagem ficcional e lateral que se pode fazer pelo poema para então chegarmos ao delineamento particular que cada leitor constrói a partir de sua imaginação substanciada pela subjetividade. O que não estão prontos e estabelecidos são as adjetivações e sensações que a contemplação de uma paisagem, como a do Pantanal, pode nos causar. Mas, isso é possível por meio das pistas e iscas da poesia de Barros, que incorpora o belo, a natureza, a linguagem e personagens que dialogam com o espaço natural e simbólico.

Conforme atestam Almeida (1985), Coutinho (1995), Tissier (1991) e Lima (2000), sobre a fonte e o subsídio da literatura regional, as “substâncias naturais e sociais” de determinado espaço e o “espaço vivido” aparecem como elementos comuns entre a Literatura e a Geografia. Percebemos assim, um entrelaçamento entre ambas no que tange ao desvelamento do homem e suas experiências na sua relação com o meio de sua existência. Por isso, mesmo atestando não ser um poeta que descreve o Pantanal em seus poemas, Manoel de Barros não consegue distanciar-se daquilo que suas memórias e vivências no espaço pantaneiro lhe proporcionam.

Segundo Antonio Candido (2000, p. 139), algumas obras “exprimem certas relações dos homens entre si, e que, tomadas em conjunto, representam uma socialização dos seus impulsos íntimos”. Em uma seção de seu livro *Vários Escritos* (1995), intitulada *Direitos à Literatura*, o mesmo autor expõe que,

o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CANDIDO, 1995, p. 180).

Esta consideração de Candido nos permite relacionar mais especificamente com a poesia moderna de Manoel de Barros, sendo esta não um pretexto para a desolação de um amante ou espaço para a exaltação do amor entre homem e mulher ou exaltação da exuberância do Pantanal, e sim, um convite para o desapego, para o apreço do simples e vivência singular do cotidiano. Esta poesia da qual falamos ultrapassa os limites do convencional, ao ponto de ressignificar em nós alguns sentidos da vida. A poesia de Barros nos devolve uma quantidade de humanidade que a modernidade nos tira dia a dia, e nos faz refletir sobre quem somos e como atuamos e percebemos nosso espaço.

Por isso julgamos oportuno refletirmos sobre as palavras de Candido (2000), chamando a atenção para a necessidade de se compreender e viver a literatura sem preconceitos, entendendo que a mesma cumpre seu papel social no mundo e que pode sim transformar e ampliar as possibilidades de interpretação da realidade, na qual estamos inseridos.

Outros teóricos, como os da vertente da Geografia Cultural expõem que,

a literatura tem uma finalidade externa: aquilo que ela pode nos ensinar sobre o mundo exterior ou sobre nossa relação com o mundo. Para uns, a literatura serve como fonte de informações; para outros, serve para colocar o homem no centro das preocupações; ou ainda, para criticar o status quo, tendo em vista uma melhor justiça social (CORRÊA; ROSENDAHL, 2007, p. 60).

Tal afirmação demonstra o quanto os profissionais de outras áreas estão dispostos a se envolverem nas relações de trocas de experiências e conhecimentos entre distintas esferas do saber que, compactuam de objetivos específicos em se tratando de análise de objetos comuns, como a paisagem, por exemplo.

Novamente referenciando Antonio Candido, agora na obra Literatura e Sociedade, o autor afirma que,

todos sabemos que a literatura, como fenômeno de civilização, depende, para se constituir e caracterizar, do entrelaçamento de vários fatores sociais. O primeiro passo para uma análise literária é ter consciência da relação arbitrária e deformante que o trabalho artístico estabelece com a realidade, mesmo quando pretende observá-la e transpô-la rigorosamente, pois a mimese é sempre uma forma de poiesis (CANDIDO, 2000, p. 12).

Tendo em vista que a poesia é uma expressão da arte é de suma importância pensar na contribuição desse gênero literário para a formação humana, intelectual, social e cultural. Partimos dessa assertiva, porque entendemos que quando a arte passa a integrar a vida das pessoas, o modo de ver o mundo e de atuar na sociedade é modificado, uma vez que a arte é capaz de comunicar e expressar de forma universal, e ao mesmo tempo singular, fatores sociais que são imanentes a ela.

Sobre isso, Octavio Paz, em *O Arco e a Lira* expõe que

A linguagem, na poesia, rompe a sua qualidade comunicativa, deixando de servir apenas ao objetivo de representar a realidade, para expandi-la, transfigurá-la, transgredi-la. A palavra é impossível de ser aprisionada pelos significados definidos, por um único objeto referente. A palavra é múltipla, e múltiplo o homem, que a pronuncia, é inscrito por ela. A palavra poética define o homem em sua condição simbólica, e sua existência é imprecisão. O homem é poeta, e na poesia é servo da linguagem, é veículo na qual ela se manifesta, incorpora, torna-se realidade (PAZ, 1982, p. 78).

A poesia se externa na literatura. É um sentimento que emana da arte, seja ela um poema, uma pintura, uma música, um gesto, um lugar; e por isso mesmo exerce essa função humanizadora, atuando em diferentes culturas e alcançando todos os níveis, permitindo o intercâmbio de saberes e visões de mundo, específicas de cada área do saber.

Gilberto Mendonça Teles, em *A Retórica do Silêncio* (1989, p. 253), afirma que “o criador da palavra acaba sendo o criador da paisagem”, e por isso, mesmo que Manoel de Barros nunca tenha se permitido ser considerado um poeta regionalista, e que sua intenção nunca foi descrever o Pantanal e os costumes de sua gente. Mas, inevitavelmente a interpretação dos leitores sempre os conduzirá por um ambiente bucólico, paisagista e rural que está impregnado em suas palavras, as quais não descrevem, mas sugerem um ambiente renovado e acolhedor, por meio da arte da linguagem poética.

A intencionalidade do autor é com a construção linguística e com certeza é evidente todo esse trabalho irreverente com a linguagem. Mas sua obra também pode ser lida na perspectiva geográfica, considerando os aspectos objetivos e subjetivos, humanizantes e abrangentes, uma vez que é na recepção de um texto que o leitor constrói a sua versão sobre um texto, fiel ou não

ao ideário original do autor. Sobre isso, Roger Chartier afirma que,

O poema, não é senão isto: possibilidade, algo que se anima ao contato de um leitor ou de um ouvinte. Há uma característica comum a todos os poemas, sem a qual nunca seriam poesia: a participação. Cada vez que o leitor revive realmente o poema, atinge um estado que podemos, na verdade, chamar de poético. O poema é mediação. O poema não deixa resíduos reflexivos, emotivos, produz sensações (CHARTIER, 1990, p. 13).

Ainda sobre as proximidades entre Literatura e Geografia, Lima destaca que,

Muitas manifestações nacionais no campo das Letras estão impregnadas do que poderíamos chamar de caráter geográfico, ao relatarem os estilos de vida, as características socioculturais, as estruturas econômicas, agrárias, como a diversificação do meio físico do país através dos diferentes momentos de sua história (LIMA, 2000, p. 19).

Essas reflexões revelam o reconhecimento de geógrafos, teóricos da literatura e literatos da profunda relação existente entre o escritor, a realidade, o leitor e a produção literária. De fato, a paisagem, a espacialidade e a localidade, inseridas dentro de uma obra literária, seja por meio das ações de seus personagens ou referenciais culturais que expressam um dado ambiente geográfico, situado em uma região do globo terrestre, jamais estarão isentos de subjetividades e da interferência semântica, que produz a análise de um dado texto no leitor, como vimos em Chartier, sobre as novas maneiras de apropriação e apreensão do mundo através da visão de mundo do leitor/receptor.

Pela leitura, interpretação e contextualização da obra literária, a partir das ideias e imagens contidas nos fatos, paisagens, cenários e nas personagens da narrativa é possível associar e conjecturar todos os elementos revelados na obra literária e descortinar aspectos sócio espaciais, históricos e culturais da sociedade nele representada.

A partir da história, percebemos que há na Geografia uma multiplicidade de abordagens que se justapõem, onde verdades não são absolutas, abrindo-se a cada momento novas leituras ou perspectivas sobre a compreensão da relação entre a sociedade e o meio em que se vive.

Na perspectiva atual da abordagem da Geografia Cultural

e Humanística, entende-se que o ponto convergente entre ambas é o lugar e o homem e, é possível aproximá-las e, por conseguinte, tornar a Literatura uma fonte enriquecedora da investigação geográfica, possibilitando, de fato, o compartilhamento de conhecimentos entre as mais diversas áreas do saber, meta tão perseguida pela interdisciplinaridade.

Muitos estudos buscam na literatura um meio de demonstrar aquilo que a realidade poderia ou deveria ser. Sobre isso, segundo Corrêa e Rosendahl (2007, p. 47), “não tanto com a apreensão pelo indivíduo da realidade geográfica tal como ela realmente é, mas com a função social da literatura de imaginar a realidade como ela não é, mas deveria ser, e, assim, com o seu potencial para estimular a mudança”.

Em outras palavras, a partir do uso particular da linguagem literária, a paisagem, o espaço, o lugar e a memória podem exprimir as transformações para qual chama a atenção do leitor. A literatura, neste sentido, retrata a realidade de um espaço não como ele é ou foi, mas sim com base em uma concepção do que ela poderia ser em nossa percepção do real vivido e imaginado.

Partindo desta ideia, a Geografia se propõe a não apenas descrever e explicar o mundo, as relações da sociedade com o espaço, mas também para criticar a situação atual mundial, buscando uma orientação para promover, inclusive, uma justiça social mais ampla.

Considerando o que foi exposto até o momento, podemos encerrar as discussões desta seção do artigo conscientes da necessidade de se resgatar e reafirmar os laços epistemológicos entre ambas as áreas. É primordial que compreendamos que a Literatura fornece uma fantástica ocasião para refletirmos sobre outras formas de discurso, especialmente aquelas que a Geografia mobiliza.

Com isso, depreendemos que Literatura e Geografia preocupam-se com aspectos semelhantes da sociedade e por isso são tão complementares em seus estudos, pois o espaço, o lugar e a paisagem são elementos que constituem a realidade e que são construídos pela interferência física ou subjetiva do homem, perpassada por suas memórias. Por isso, as reflexões oriundas dos poemas de Manoel de Barros nos servem como elementos basilares, para a composição de um imaginário único e que extrapole as propriedades culturais e identitária do Pantanal mato-grossense, propiciando o deleite e a sensibilização por meio da arte literária.

O BIOMA DOS CONTRASTES NATURAIS: O PANTANAL REVISITADO NAS PALAVRAS DE MANOEL DE BARROS

Em vista do que vimos até o presente momento, pudemos perceber que Literatura e Geografia se complementam quando partimos para a análise de espaço, lugar, paisagem e memória de um dado artefato artístico, como as poesias de Manoel de Barros. Os estudos de obras literárias, sob as perspectivas geográficas não são recentes. Entre os geógrafos franceses e ingleses, desde os anos de 1910, já emergiam ideias de resgatar aspectos geográficos, na análise dos espaços, em romances, contos, poesias e crônicas.

A Literatura, neste âmbito, de acordo com Corrêa e Rosendahl (2007, p. 35), “serviria de fonte preciosa, capaz de avaliar a originalidade e a personalidade dos lugares e oferecer exemplos eloquentes de apreciação pessoal de paisagens”. Para tanto, é necessário que façamos uma consideração aqui sobre a qualificação e significação do espaço, uma vez que este fará parte das relações de completude nas intersecções entre Literatura e Geografia.

O Brasil apresenta, ao longo de seu território, diversas composições vegetais, dentre elas, o Pantanal, que é conhecido também por Complexo do Pantanal. A formação vegetal dessa região recebe influência da Floresta Amazônica, Mata Atlântica, Chaco e do Cerrado. Ocupando uma área de 210 mil km², o Pantanal é considerado a maior planície inundável do mundo e está situado sobre uma enorme depressão, cuja altitude não ultrapassa os 100 metros em relação ao nível do mar.

Esse domínio encontra-se ao sul do estado de Mato Grosso e a noroeste do Mato Grosso do Sul. O alagamento do Pantanal acontece no período chuvoso, por causa das cheias do rio Paraguai e afluentes, entre os meses de novembro a março; nas épocas de estiagem, que perduram entre os meses de abril a outubro, formam-se pastagens naturais, situação que favorece a ocupação para criação de gado.

As superfícies pantaneiras mais elevadas abrangem a vegetação do Cerrado e, em áreas mais úmidas, apresentam florestas tropicais do tipo arbóreas. Essa parte da fitogeografia brasileira foi reconhecida pela UNESCO como um Patrimônio Natural da Humanidade, isso pelo fato de ser um dos ecossistemas mais bem preservados do mundo. Além disso, abriga uma imensa biodiversidade, são cerca de 670 espécies de aves, 242 de peixes, 110 de mamíferos, 50 de répteis, incluindo ainda aproximadamente 1500

variedades de plantas.

De fato, quando lemos os poemas de Manoel de Barros, basicamente entramos em contato com essas informações geográficas e dados constituintes da região pantaneira, porém de uma forma lírica, rica, profunda e reinventada que direciona nosso imaginário para a simbolização de um espaço novo, completamente envolvente, impregnado por uma paisagem exuberante e ainda salva, da degradação causada pelo homem.

Segundo Müller (2010, p. 17), “uma das afirmações mais recorrentes de Manoel de Barros, contra aqueles que querem rotular sua poesia, é a de que ele não é o poeta do Pantanal, como a mídia costuma afirmar: Meu negócio é com a linguagem”, dizia Barros. Muitos poderão se surpreender, mas o poeta não fazia o papel de um velhinho sábio, que se sentava à beira das lagoas do Pantanal para escrever poesia. Pelo contrário, ele escrevia trancado em seu escritório ou como ele mesmo intitulava: o lugar de ser inútil, rodeado por livros e dicionários. Apesar do tipo caipira, sua linguagem é requintada e polida, operada por mecanismos conscientes de desconstrução e reinvenção da língua.

De modo primordial, cabe destacar a percepção da memória como elemento situado para além de um passado paralisante: antes a acreditamos como uma instância plural e labiríntica, produzida a partir do cruzamento de espaços e temporalidades. Neste sentido, olhar o passado é construir o presente.

A memória, sempre revisitada em seus poemas, dão a Manoel de Barros os ingredientes que compõem sua poesia. As imagens, os símbolos, as paisagens e os lugares dão o impulso para que cenários, pessoas, sensações e apreensões da realidade sejam concretizadas nos textos. Aquele espaço vivido, do qual fala Corrêa e Rosendahl (2001) é transposto para as linhas dos poemas e as composições são fruto desse exercício de ir e vir no passado e no presente, replicados pelos elementos da natureza que dão a organicidade à obra manoelense, como podemos ver no poema abaixo:

Autorretrato falado

Venho de um Cuiabá garimpo e de ruelas entortadas.

Meu pai teve uma venda de bananas no Beco da Marinha, onde nasci.

Me criei no Pantanal de Corumbá, entre bichos do chão, pessoas

humildes, aves, árvores e rios.

Aprecio viver em lugares decadentes por gosto de estar entre pedras e lagartos. (...)
(BARROS, 2010, p. 324).

Esta relação estabelecida entre a literatura e a memória é possibilitada pelo jogo de lembrança e esquecimento, presente em todo o imaginário e melhor compreendida através de uma concepção da memória coletiva como um corpus (evidentemente dinâmico e jamais fixo), no qual se inscrevem imagens elaboradas e compartilhadas por determinados grupos sociais, e que abarcam o virtual e o real, o vivido e o sonhado, o desejado e o temido, o pesadelo e o sonho, a experiência e a imaginação. A literatura semeia no imaginário coletivo novas visões e ideias, oriundas também do sonho e da fantasia, veículos legitimados do ficcional, inaugurando formas alternativas de encarar e transformar a realidade do grupo social.

Ainda sobre essa associação entre sua poesia e o ser poeta do Pantanal, Manoel de Barros dizia que:

De jeito maneira que não me incomoda que me associem à ecologia, com esta natureza exuberante que tem o Pantanal é que eu luto. Luto para não ser engolido por essa exuberância. Às vezes a linguagem se desbraga; então é abotoá-la. Fechá-las nas braguilhas. Fazer que se componha. Difícil é compor a exuberância. Ela escorre, é água. Escorrega, é lama. Apodrece, é brejo. A expressão poeta pantaneiro parece que me quer folclórico. Parece que não contempla meu esforço linguístico. A expressão me deixa circunstanciado. Não tenho em mente trazer contribuições para o acervo folclórico do Pantanal. Meu negócio é com a palavra. Meu negócio é descascar as palavras, se possível, até a mais lírica semente delas (BARROS in MÜLLER, 2010, p. 76-77).

Manoel de Barros, porém, não nega a origem pantaneira. Segundo Müller (2010), em uma entrevista a uma revista de ecologia ele deixa claro que, sua poesia não se interessa pela tematização pitoresca que há no Pantanal, mas sim pela comunhão desse cenário geográfico, que está dentro dele, exteriorizado por meio da sua linguagem:

Gosto do Pantanal ao ponto de eu precisar inventar uma tarde a partir de um tordo. Gosto do Pantanal ao ponto que eu possa ficar livre para o silêncio das árvores. Gosto do Pantanal ao ponto que meu idioma não sirva mais para comunicar, senão que apenas para comungar. Temática sugere tese, sugere ideia para ser desenvolvida. Sugere comunicação. Sugere descrição de alguma coisa.

Para mim, quem descreve não é dono do assunto: quem inventa, é. Que eu possa dizer, estando em fusão com a natureza, coisas como esta: 'eu queria crescer para passarinho...! Eu possa dizer com seriedade: 'uma pedra me rã. Minha linguagem será sempre de comunhão. É dessa forma que em mim o Pantanal se expõe (BARROS in MÜLLER, 2010, p. 131).

Para o poeta é preciso que os estudiosos, que utilizam o quintal pantaneiro, para fazer seus estudos e descrições poéticas não se prendam exclusivamente a necroverbose da exuberância natural.

Quero dizer que é preciso evitar o grave perigo de uma degustação contemplativa da natureza. Há o perigo de se cair no superficial geográfico, na pura cópia, sem aquela surda transfiguração epifânica. A simples enumeração de bichos, plantas, não transmite a essência da natureza, senão que apenas a sua aparência. Aos poetas é reservado transmitir a essência. Vem daí que é preciso humanizar as coisas e depois transfazê-las em versos (BARROS in MÜLLER, 2010, p. 48).

Estas últimas arguições do poeta, de fato, fortalecem em nós a ideia que o próprio artista quer nos passar: o seu trabalho cuidadoso e atento com a linguagem e o arejamento vocabular. A capacidade inventiva e apropriada de se apoderar de elementos da natureza dando-lhes vida e fundamento é o grande diferencial da obra de Barros. Neste contexto, cabem as palavras de Corrêa e Rosendahl que dizem que "o presumido realismo das obras seria, portanto, um realismo subjetivo. Isso evoca, evidentemente, a questão da verossimilhança, mas também a da representatividade a que uma obra de ficção pode pertencer" (CORRÊA; ROSENDAHL, 2007, p. 25).

Outro aspecto original que Manoel de Barros valorizava em seus poemas é o povo pantaneiro. Na observação do poeta, inúmeras espécies de árvores e animais estão desaparecendo do Pantanal, mas não pela ação do pantaneiro:

Pantaneiros são como índios pregados à terra. Não fazem o esporte da caça. Pantaneiro vai no campo buscar bicho pra comer. Buscar uma folha para fazer remédio. Mas existem animais, como a onça pintada, que não amam o barulho do homem, nem o pisoteio do gado, nem correrias e vozes de peão. Por isso a onça muda de querência (BARROS in MÜLLER, 2010, p. 53-54).

Segundo Müller (2010), o poeta reafirmava em todas as menções sobre o Pantanal que este se constitui nas palavras: “Palavras têm sedimentos, têm boa cópia de lodo, usos do povo, cheiros de infância, ancestralidades. Urbanos ou não estamos ligados fisiologicamente à mãe terra. O poeta se escura em natureza. E será um escravo da terra, fisiologicamente, uma escravidão redentora” (BARROS in MÜLLER, 2010, p. 73).

Retomando ao que falávamos sobre os aspectos geográficos do espaço e do lugar, o estudo da paisagem e suas possibilidades de representações em diversas linguagens, como a da poesia, é uma fonte de registros dos olhares sobre as práticas e culturas, perpassadas pela subjetividade, recortadas em um dado momento histórico e que garante uma legitimidade particular, àquele momento e espaço.

Assim, para Corrêa e Rosendahl (2007),

Paradoxalmente, a literatura será, ao mesmo tempo, uma ferramenta para melhor penetrar na realidade objetiva e um meio eficaz para compreender os recônditos da alma. A literatura contribui, de um lado, para regenerar nosso conhecimento sobre as qualidades objetivas das paisagens e, de outro lado, para refinar nossa compreensão sobre as experiências subjetivas ligadas a essas mesmas paisagens. Em resumo, a força da literatura estaria em reunir a objetividade e a subjetividade, duas vertentes que mais se completam do que se afrontam (CORRÊA; ROSENDAHL, 2007, p. 32).

Apesar da paisagem cultural ser um dos temas mais presentes nos escritos dos geógrafos americanos e europeus, de acordo com Corrêa e Rosendahl (2001), somente a partir da década de 1970 ela foi analisada por meio de teorias que consideravam sua simbologia, segundo a perspectiva da Geografia Humanística, pois as outras abordagens geográficas existentes até então, partiam do pressuposto de que os aspectos subjetivos da paisagem não poderiam fazer parte do contexto científico, uma vez que não podem ser classificados ou mensurados.

Tissier comenta que o encontro da Literatura com a Geografia está nas leituras de obras literárias feitas pelos geógrafos e afirma sobre a criação literária poder ser estritamente geográfica, pois, “o texto se refere a um lugar preciso; temático, ele se vincula à paisagem, ao conteúdo humano ou social; epistemológico, o leitor atualiza o sentido dos espaços, as representações” (TISSIER, 1991, p. 236). O mesmo autor reconhece como pano de fundo da arte, o

conteúdo humano, o cotidiano e as representações.

Tal colocação reafirma o que expusemos até o momento nesta seção do artigo, onde o Pantanal mato-grossense é esculpido também sob a ótica simbólica do elemento terra, explicado por Bachelard (1990, 1991), e ao mesmo tempo é representado nas suas reais e intocadas paisagens geográficas, substanciando um lugar único, reservado e preservado pelo povo pantaneiro, ainda consciente sobre a preservação do meio ambiente, operando aí, uma criação literária que enriquece ambas as áreas do saber: Literatura e Geografia.

CONCLUSÕES

Este artigo pretendeu delinear uma aproximação interpretativa de obras literárias, como os poemas de Manoel de Barros, aqui citados, com as perspectivas Cultural e Humanística da Geografia, evidenciando o caráter enriquecedor e complementar entre ambas as áreas do saber, que podem dialogar entre si em suas particularidades como vimos, a dizer: espaço, o lugar, a paisagem e a memória.

Com isso, pretendemos reforçar a ideia de que a interdisciplinaridade se faz necessária no âmbito acadêmico contemporâneo, uma vez que estabelece elos fundadores nas análises de aspectos inerentes a diversos campos do saber, propiciando assim uma abertura de ideias, de propostas analíticas e interpretativas de obras literárias, como vimos que é possível.

Sendo a Literatura propiciadora de veios propulsores de subjetividade e formação social, atrelada aos aspectos sumariamente expostos das correntes Humanística e Cultural da Geografia, torna-se uma fonte inesgotável de possibilidades interpretativas para ambas as áreas, que podem agregar informações, tornando-as recursos investigativos de análise espacial ou lírica.

Isso contribui para o alargamento da percepção daquilo que se lê em Literatura ou em Geografia e extrapola os limites da leitura linear e segregatória, favorecendo um diálogo intermitente entre esferas distintas, porém, que se auto referenciam ao serem contempladas em sua integridade, considerando o meio em que o homem vive suas experiências e suas relações sociais com este.

Apontamos a necessidade de estudos que valorizem a intersecção entre Literatura e Geografia por meio de outros meandros e nomes de nossa literatura brasileira como: Guimarães Rosa, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Jorge Amado, Adriana Lisboa,

Maria Valéria Rezende, dentre outros escritores que se enveredam pela paisagem, espaços e lugares brasileiros evidenciando sua cor e vivências, perpassadas pelas experiências com o homem e seu lugar de intercâmbio de objetividade e subjetividade. Apesar de alguns desses nomes mencionados já possuírem artigos e trabalhos científicos realizados, deixamos aqui o nosso convite aos inúmeros caminhos que a Literatura e a Geografia em suas vertentes Cultural e Humanística podem propiciar aos estudiosos dessas áreas, assim como a obra de Manoel de Barros está aí para nos encantar e revelar paisagens e lugares que podem ser vividos na e pela imaginação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, N. A. Estudos sobre quatro regionalistas: Bernardo Elis, Carmo Bernardes, Hugo de Carvalho Ramos, Mário Palmério. Goiânia: Ed da UFG, 1985.

ALMEIDA, Maria Geralda de; OLANDA, Diva Aparecida Machado. A Geografia e a Literatura: uma reflexão. Geosul, Florianópolis, v. 23, n. 46, p. 7-32, jul./dez., 2008.

BACHELARD, Gaston. A terra e os devaneios do repouso: ensaio sobre as imagens da intimidade. Tradução: Paulo Neves da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

_____. A terra e os devaneios da vontade: ensaio sobre a imaginação das forças. Tradução: Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

BARROS, Manoel de. Poesia Completa. São Paulo: Leya, 2010.

BOSI, Alfredo. O ser e o tempo da poesia. 6. ed. São Paulo: Companhia da Letras, 2000.

CANDIDO, Antonio. O direito à Literatura. In: Vários escritos. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

_____. Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária. 8. ed. São Paulo: Queros, 2000.

CHARTIER, R. Por uma Sociologia histórica das Práticas culturais, In: História Cultural: entre Práticas e Representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHEVALIER, Jean; Alain GHEERBRANT. Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Tradução: Vera da Costa e Silva. 16. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

_____. Literatura, música e espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ,

2007.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. Paisagem, imaginário e espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

COUTINHO, A. Introdução à Literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

HOLZER, Werther. Paisagem e lugar: um estudo fenomenológico sobre o Brasil do século XVI. Tese (Doutorado em Geografia). USP, São Paulo, 1994.

LIMA, S.T. de. Geografia e literatura: alguns pontos sobre a percepção da paisagem. In: Geosul. Florianópolis, v.15, nº 30, jul/dez, 2000.

MÜLLER, Adalberto (Org.). Apresentação Egberto Gismonti. Encontros Manoel de Barros. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2010.

PAZ, Octavio. O arco e a lira. Tradução: Olga Savary. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1982.

ROLON, Renata Beatriz Brandespin. A prosa poética de Manoel de Barros: lirismo, mitos e memórias. Dissertação. (Mestrado em Letras). UFMT, Cuiabá, 2006.

SANTOS, Milton. Espaço e Método. 5. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo: 2012.

TELES, Gilberto Mendonça. Retórica do Silêncio I: teoria e prática do texto literário. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

TISSIER, J. Géographie et Litterature. In: BAILLY. Antoine; FERRAS. Robert; PUMAIN. Denise (Sous la direction). Encyclopédie de Géographie. Paris: Economica, 1991.

TUAN, Yi- Fu. Thought and landscape: the eye and the mind's eye. In: Meinig, D. W. (Ed.). The interpretation of ordinary landscapes. New York, Oxford University Press, 1979 b, p. 89-102.

_____. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.